

CULTURA

‘Toque que Cura’: fanfarra se apresenta em espaços públicos

A Companhia Amora no Pé oferece cinco apresentações gratuitas em espaços públicos de Bauru entre 27/8 3/9

A fanfarra “Toque que Cura”, da Companhia Amora no Pé, oferece cinco apresentações gratuitas em espaços públicos de Bauru entre os dias 27 de agosto e 3 de setembro. Além disso, duas oficinas de iniciação teatral e musicalização são ofertadas para as crianças do Projeto Caná, até esta quarta (17). O projeto é uma proposta do Instituto Indisce contemplado pelo Programa Municipal de Estímulo à Cultura, no edital de 2021.

Com o título “Toque que Cura”, o projeto tem o objetivo de recuperar o toque por meio da música. Além do toque corporal, no sentido de sensação

básica ser fundamental para os seres humanos, também é uma forma de comunicação bem brasileira. O projeto é uma maneira de celebrar esses tipos diferentes de toque que ficaram suspensos na pandemia.

A fanfarra “Toque que Cura” surgiu com o ator e palhaço Rafael Marques durante seu doutorado em Montpellier, na França, onde viu um festival de fanfarras.

Desde 2018, ele vinha amadurecendo a ideia de unir metais e percussão junto com a arte da palhaçaria. A concretização foi possível com a aprovação pelo Programa de Estímulo à Cultura.

Além disso, a ideia se tornou realidade através da parceria com os músicos Thiago Henrique Xavier Rodrigues, formado em Música, com bacharelado em regência, e Humberto Alvares Rodrigues, formado em Música, com licenciatura em educação musical, ambos pela Unisagrado de Bauru.



“Toque que Cura”, da Cia Amora no Pé, com Rafael Marques, Thiago Rodrigues e Humberto Rodrigues

Eles constituem o núcleo criativo musical do projeto e criaram os arranjos das músicas. O figurino foi realizado pelo figurinista Carlos Gardin, que já foi figurinista da TV Cultura no Castelo Rá Tim Bum e no Mundo da Lua, e o produtor José Vinagre.

PROGRAMAÇÃO

27/8 - 10h - ABDA - Teatro Edson Celulari - Rua Rubens Arruda 3-33, Centro
28/8 - 11h - Praça da Copalpa - Avenida Getúlio Vargas 19-46, Vila Universitária
28/8 - 16h - Parque Vitória Régia - Avenida Nações Uni-

das, 25-25

3/9 - 20h - Praça da Hípica - Avenida José Henrique Ferraz, 5-54, Jardim Terra Branca

3/9 - 11h - Wise Madness - Rua Augusto Moreno Munhoz, Conjunto Habitacional Engenheiro Otávio Rasi

PROPOSTA

O projeto tem o objetivo de recuperar o toque por meio da música

‘Um País Terrível’ é mais que raio-x da Rússia de Putin

Andrew Kaplan, o protagonista do livro, é um judeu que migrou da Rússia para os EUA

Literatura escrita por jornalistas dificilmente atinge as culminâncias do discurso poético. Porém, com frequência, é capaz de apresentar um raio-x preciso da situação que se propõe a retratar. Nesse sentido, poucas descrições da sociedade russa contemporânea são tão argutas como “Um País Terrível”, de Keith Gessen.

Andrew Kaplan, o protagonista do livro, é um judeu que migrou da Rússia para os Estados Unidos com a família, na infância. Especializado em literatura russa, busca um rumo para a vida e a carreira durante a crise financeira de 2008 quando é convocado pelo irmão mais velho para ir a Moscou tomar conta da avó, à beira da demência.

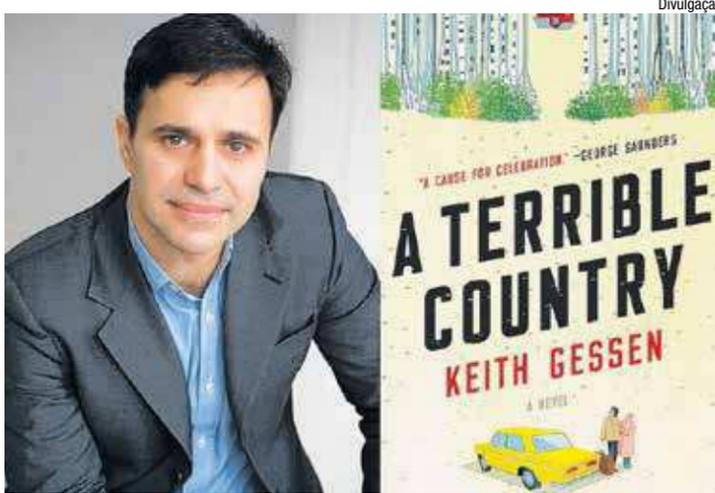
Ele encontra um cenário inquietantemente parecido com o de hoje, com a Rússia envolvida em uma guerra contra um país vizinho - no caso, a Geórgia -, e a mídia tomada por propaganda

bélica e chauvinista. A principal diferença talvez seja que, naquela época, ainda era possível ouvir a voz dissidente da rádio independente Eco de Moscou - forçada ao fechamento em março de 2022, devido à sua cobertura da invasão da Ucrânia.

Com uma prosa coloquial e direta, Gessen entrelaça análises aparentemente desprezíveis - mas nada superficiais - da cultura, sociedade e cotidiano russo com a narrativa de eventos do dia a dia de seu protagonista, eventos estes que, se não forem verídicos, são ao menos bastante verossímeis.

E isso vai matizando a narrativa. Conforme supera o estranhamento inicial, Kaplan vai descobrindo a Rússia à medida que se descobre. E cria-se uma tensão permanente entre o crescente fascínio de Kaplan pelos irresistíveis encantos do país e suas monstruosas contradições e problemas - cuja percepção pelo protagonista se avoluma (e se torna mais dolorida) junto com seu afeto.

O elemento autobiográfico é óbvio: nascido em Moscou, Gessen vem de uma família que migrou para os EUA em 1981,



O escritor e autor do livro, Keith Gessen

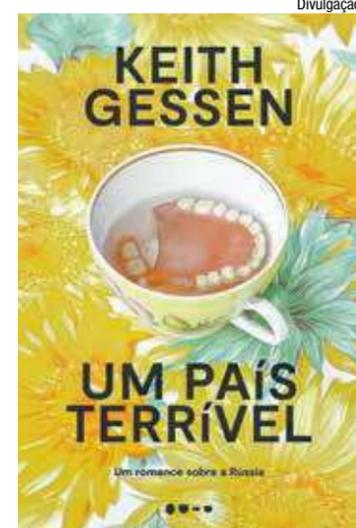
quando ele tinha seis anos. Sua irmã mais velha, Masha Gessen, não binária e trans, é uma ativista LGBTQIA+, e crítica implacável do presidente russo, sobre o qual escreveu o livro “O Homem Sem Rosto: A Improvável Ascensão de Vladimir Putin”, publicado pela Intrínseca.

E “Um País Terrível” é dedicado à sua avó materna. Porém, é possível lê-lo para além de um acerto de contas com a história familiar, ou mesmo de uma análise da Rússia no início do terceiro milênio.

Se levarmos em conta a tradição literária russa de escrever

em “linguagem esopiana”, ou seja, manifestar-se alegoricamente para driblar a censura do país, o livro de Gessen pode ganhar ainda outra camada de leitura. Afinal, seu protagonista se envolve com um grupo de oposição política de esquerda ao regime de Putin, intitulado Outubro.

Bem, Gessen não apenas é cofundador e coeditor da revista literária norte-americana “n+1”, como se envolveu com o movimento Occupy Wall Street, chegando a ser preso durante um protesto na Bolsa de Valores de Nova York, em 2011. Ao retratar a rebeldia do Outubro e



A obra ‘Um País Terrível’

suas críticas ao neoliberalismo russo, não estaria Gessen “esopianamente” recontando a experiência do Occupy e mandando recados sobre o funcionamento dos EUA?

Há ainda uma terceira camada - certamente involuntária no que se refere ao autor, porém de modo igualmente certo, inescapável ao leitor brasileiro de 2022. O livro fala de um país vasto, periférico, violento, corrupto, com um governo autoritário, repressivo e hostil à prática democrática. O tal “país terrível” não soa perturbadoramente familiar?